

# **ROTEIRO DE ENTREVISTAS-COORDENADOR**

## **I) DADOS DO PROJETO:**

Título do Projeto: As Ações do Movimento de Educação de Base (MEB) no município de Tefé/AM: 1975-1985.

Orientadora: Leni Rodrigues Coelho

Instituição Financiadora: Universidade do Estado do Amazonas-UEA/FAPEAM

Pesquisadora: Rosenice da Silva

## **II) DADOS DO ENTREVISTADO:**

Nome completo: Protásio Lopes Pessoa

Local e data do nascimento: Tefé, 14 de Abril de 1932

Endereço: Rua Daniel Sevalho 347 - Centro.

Documento de identidade:

Profissão: Coordenador

## **III) QUESTÕES:**

Como nasceu a idéia do MEB?

O MEB é uma entidade que nasceu para atender aqueles bolsões de pobreza no Nordeste e aqui também na Amazônia. Foi instituído em 21 de Março de 1961 pela Conferencia dos Bispos do Brasil (CNBB) em Itaici no Sul do Brasil.

O MEB veio para Tefé trazido por Dom Joaquim de Lange, mas antes de falar propriamente no MEB quero falar da situação da área em que atuou o MEB. A área do MEB foi desde o município de Coari, Catuá até Jutai onde terminava a área da prelazia, e de Juruá até Eirunepé e todo o Japurá.

Essa área era uma área que cresceu e foi colonizada através da exploração dos produtos naturais da pesca, da caça, e da castanha também. Esses produtos produziam uma riqueza aqui, mas eram levados para fora. A população que praticava esse trabalho eram os ribeirinhos que moravam lá, descendentes de índios e nordestinos que vieram para cá, para a extração da borracha e começou em 1897, a da borracha e esses produtos todos produziam as riquezas do município e eram todos levados para fora.

A população nem plantava roças com capacidade econômica. Plantavam rocinhas incipientes que não dava nem para o sustento da família. Porque os homens eram obrigados a trabalhar na extração desses produtos: pesca nos lagos em certa época do ano, depois a extração da borracha em outro período, a castanha no outro.

Ficavam só as mulheres e filhos na casa e eles não plantavam roça, então era simplesmente uma pobreza imensa a população se achava meio escravizada, porque dependia tudo do patrão.

É exatamente nesse ambiente que o MEB foi atuar, como foi tratar uma forma da pessoa se promover sair por suas forças dessa situação de domínio.

Com ingressou no MEB?

Dom Joaquim era Bispo de Tefé na ocasião, e queria achar um meio de atingir toda a população, a população aqueles que ele chamava esquecidos, abandonados, vivia nos paranás, nos lagos, naquelas áreas no centro das florestas, naquelas áreas quase inacessíveis.

Então ele pensou numa maneira de atingir toda aquela população. Em 1955 ele fez uma reunião comunicando o desejo dele criar um órgão de uma forma de atingir essas populações. Naquele período mesmo houve uma reunião na Colômbia na cidade de Medellin. E os Bispos da América se reuniam lá, e o Dom Joaquim foi para lá e ele conversou com um Prelado de lá Dom Salcedo de Sutatenza que explicou que eles tinham alcançado toda população da sua prelazia através de uma radio (Sutatenza fica colocada numa região montanhosa dos Andes), e através da radio ele...entrou em todos os lares por mais difícil que fosse o acesso.

Então com essa idéia Dom Joaquim voltou para Tefé, e entrou em contato com as autoridades lá no sul do país, com João Goulart e conseguiu uma radio para Tefé.

A chave exatamente do que ele queria do objetivo dele que era atingir essa população. E como foi criado em 1961 o MEB que é para atender a populações mais pobres, através do seu objetivo que aqui vou falar para vocês.

Então ele achou que tinha achado o principio básico, apropriado para o seu trabalho. Objetivo da ocasião era o seguinte, que o MEB tinha por obrigação:

- colaborar na construção de uma sociedade mais justa e ética;
- educar para a conscientização e vivência da cidadania e participação social;
- promover a participação popular e comunitária nas políticas voltadas para as necessidades das populações mais pobres e excluídas.
- comprometer-se com a educação de jovens e adultos na perspectiva da metodologia ver, julgar e agir; sintonizada com os princípios filosóficos de Paulo Freire.
- promover a inclusão de homens e mulheres no mundo do trabalho comunitário e na sociedade de informação.

Essas três palavras ver, julgar e agir é exatamente da filosofia de Paulo Freire. Então esses eram os objetivos básicos do MEB.

Nós trabalhamos em cima disso aqui. Então eu trabalhei conforme a realidade local que nos vamos ver.

### Como era a sua relação com Dom Joaquim?

Em 1942, eu entrei para o Seminário São José de Tefé para estudar. Porque eu achei que só podia estudar se fosse assim uma aula que me desse capacidade. As escolas todas eram fracas, eu não sabia nada, mas eu achava assim mesmo.

Só ingressei no Seminário em 1942 e fiquei até 1952 lá já para uma formação muito mais elevada e continuei depois em Rio de Janeiro lá em Teresópolis lá passei um ano estudando também, tudo isso dirigido pelos padres.

Voltei para Manaus passei um ano no Seminário São José de Manaus com o curso superior e voltei para Tefé convencido por Dom Joaquim e voltei para lecionar. Ai fui lecionar em 1955 lá no seminário para os seminaristas.

Dom Joaquim me conhecia demais quando apareceu o MEB, o quê que ele fez me convidou e uma equipe lá de professores, todos professores normalistas, todos

formados, e ele juntou essas pessoas sendo eu como chefe ainda e mandou que fosse estudar no Rio o que era MEB.

Essas pessoas escolhidas eram professores daqui da cidade, escolhidas por ele, de confiança dele da primeira equipe: Francisco Jamináua, Augusto Cabrolié, Helena Maria, Francisca Mota, etc. Essa equipe era de alto confiança.

Ai eu fui para o Rio para estudar e voltei a Tefé. Em 1962 fui mandado para Aracaju. A finalidade do seminário em Aracaju era exatamente estudar o que era Educação de Base era só e levou quinze dias lá estudando. Tinha professores, técnicos ensinando e nós para depois a pratica do que como seria feita na educação de base na prelazia já tem um método de como explicar educação de base.

Eram estudos em sala, a pessoa vinha para a sala para estudar dizia o que era educação de base, então íamos a campo ver o que era uma escola, assim vai ser a escola do povo lá. Agente voltava e elaborava um script simulando uma aula e dava aula na área lá, só local a área Aracaju. Ainda não estava habituado, mas isso era a preparação, então isso levou um bocado de tempo, porque ninguém voltava e interrogava novamente. Já que pensou apresentar na sala como ele fazia já em uma equipe.

Daí eu fui para Natal (RN) e lá já tinha escola do MEB. Então eu fui aprender a fazer script e também como montar a rádio, como seria a rádio daqui, isso em 1962. De Aracaju para Natal e depois para Bragança (PA).

O treinamento era uma seqüência, a básica ou a base da filosofia do MEB foi ensinada em Aracaju, em Natal já era técnica de aplicar esses métodos de ensinamento em uma escola radiofônica. E como se montava, e a técnica de como fazer script, com grupo de professores trabalhando. Qual matéria eles usavam, tudo isso ai, e como que era preparado um script e qual era o conteúdo melhor. Em Bragança repetiu tudo isso, aí eu passei um mês lá. Era somente eu que ia.

Em 1962 eu voltei; ai nos reunimos e fomos para Manaus com um grupo de quinze pessoas, só depois foi escolhida (a equipe) em 1963. Em Manaus foi um seminário e lá foi estudado, como exemplo: como é que acontece a natureza domina o homem ou o homem domina a natureza? Como é que se transforma o meio ambiente?(uma coisa assim). Como fazer uma população mudar a mentalidade?

Isso que vai pegar os objetivos do MEB, exatamente o MEB ia usar esses princípios, mostrar o homem não domina a natureza, então despertar ele sair daquela dominação agir como pessoa humana.

Então voltei para Tefé com esse grupo, foram escolhidas essas pessoas para formar a primeira equipe: Jamináua, Augusto Cabrolié etc.

### Como era a estrutura inicial?

A estrutura da equipe que foi determinada foi a seguinte: havia 1 coordenador, 3 professoras, 2 locutores e 1 fazia a programação de uma espécie de conteúdo político (ensinado como agir a comunidade, as relações humanas do povoado), fora isso tinha mais 2 locutores que faziam a programação de futebol, faziam programas sobre a história do Brasil, a história de Tefé, enfim um foco geral.

Porque o MEB chegou a dominar toda a situação do município em um dado momento. Quando começou o MEB só quem não gostava de nós era a política, mas também ninguém se incomodava porque nós estávamos aqui com a ideologia de Paulo Freire.

Tinha o pessoal do serviço geral e 3 motoristas dos barcos, equipe: Margarida, Helena, Francisco Jamináua, Augusto Cabrolié etc.; motoristas: Antônio Barros e Carlos Gonçalves.

### Quando esse movimento foi estruturado no município de Tefé?

Essa equipe aqui que estou dando os nomes se formou em 1963, mas só foi oficializada em 1964, com a inauguração da Rádio Educação Rural.

Então Dom Joaquim criou instrumentos e o MEB lá como força de modificação de ideologia das comunidades. A rádio foi instrumento para que o MEB pudesse atuar nas localidades. Era efetiva nossa presença lá, e depois uma sala grande nessa rádio, sala de depósito, sala de arquivo, dependências de sociais, um escritório com todo material de escritório, fichários, máquinas de escrever, não tinha computador na época e tudo era datilografado, e também todo material que nos precisássemos, entregou a rádio na mão do MEB na verdade. Dom Joaquim colocou também à disposição do MEB 3 barcos grandes. Nós tínhamos um apoio forte da prelazia; nunca faltou combustível, nunca faltou nada.

Então fazíamos toda a parte, aqui o MEB também tinha programação social com as localidades, colocou a disposição a rádio e os seus horários, era essa a estrutura de trabalho do MEB que nos deu condição, estrutura física. Dom Joaquim não intervinha, mas assistia nossas reuniões.

### Havia alguma imposição do MEB nacional?

O MEB Nacional queria que fizesse uso dos métodos estabelecido, como também os objetivos, tanto assim que quando nos começamos a dar aula para criança eles mandaram suspender. Vieram de lá um aqui, periodicamente vinham aqui, veio uma pessoa exclusivamente para isso, verificar todas as escolas funcionando, e para gente retirar as crianças, pois o MEB era só para adultos e adolescentes.

### Além da rádio quais eram os outros recursos que o MEB possuía?

A cartilha veio do MEB Nacional, logo o MEB nacional trouxe a cartilha, houve um treinamento dentro de sala, tem uma comunidade aqui perto que é só para treinamento, que tem nos grandes lagos. Então recebia o treinamento e também as cartilhas, novamente foi passado como se fosse uma aula, como se supervisionar, como dirigir, viu o aproveitamento também tudo nesse treinamento de quinze dias, nos ministramos uma aula, já com MEB Nacional dando uma cartilha.

Mas nos vimos que algumas palavras fugiam do universo vocabular da população daqui, e então nos fizemos uma pesquisa e eu consegui com os supervisores levantar 3.000 e tantas palavras. Fizemos um vocabulário, daquilo então era feita e tirada as palavras para fazer os scripts, as aulas. Tudo era na simplicidade, tudo devia ser o mais simples possível para eles poderem entender lá no interior. Ninguém queria mudar a linguagem deles, nosso método era outro, nos queríamos era mudar a consciência deles, a forma de trabalho, daquela estrutura que eu falei no princípio para vocês, que ele era dominado.

### Quais eram os órgãos que apoiavam a realização desse movimento?

O MEB começou o trabalho para fundar as escolas e a gente ia lá, logo no começo, alias todo tempo agente foi ver isso, primeiro levantamento de área. O levantamento do de áreas era a atividade básica nossa, que ta começando a atividade em

uma comunidade. Por exemplo, nós começamos no ano de 64, mas no fim de 63 foi para levantamento de área, visitar todas as localidades para ver quais eram as lideranças que tinha lá, quais eram os educadores nossos daqueles líderes lá, como e onde podia ser a escola. Porque a escola era só o bocadinho; servia para aglutinar a comunidade num centro que desse para movimentar toda a estrutura da metodologia do MEB. Era isso a escola.

Nem era para alfabetizar, era, mas para mentalizar para que eles mudassem de vida. Então agente ia lá fazer todo levantamento de área, quem era o líder, quem gostava de tratar as pessoas (esses seriam os agentes de saúde); quem sabia mais ler no meio do pessoal (esse seria o monitor/professor); quem era que gostava de esportes (este seria o técnico de esportes de lá). Tudo isso, quem era a mãe que sabia mais de artesanato e essas coisas (esta seria a líder de artesanato ou do clube de mães), o agente de saúde seria aquele que gostava mais de tratar das pessoas, ter cuidado. Então essas pessoas foram tiradas de lá levadas para o centro de treinamento cada um para sua afinidade, quem gostava de esportes assistia a orientação para esporte, quem gostava de saúde a irmã Adonai, a diretora do hospital foi lá treinar esse pessoal, quem gostava de ensinar artesanato mostrava artesanato para outros irem lá treinar, preparava o outro da comunidade.

Bom, nesse levantamento de área também se escolhia uma casa, a casa maior que houvesse para servir de escola. E já na segunda etapa então começava a transmissão, ficaram lá recebendo, montava, terminava o treinamento, voltava os técnicos aqueles que eu falei o Jaminaua e o Cabrolie iam montar a escola lá, quadro e giz etc. O rádio, toda escola tinha um rádio, rádio cativo (só pegava aquela emissora, porque se quisesse ir por varias faixas, então era obrigada ouvir a radio de Tefé, mesmo assim eles descobriam um parafusinho lá e eles modificavam). Então esses técnicos montavam lá e entregavam e de quinze em quinze dias aqueles motoristas que eu falei, porque era dividido por setor a área atingida, ia um supervisor visitar lá, verificar o andamento e o aproveitamento.

A gente descia na comunidade, e ia lá fazer reuniões comunitárias, no fim com o supervisor. Vendo tudo sujo, tudo cerrado, sem campo de futebol ... então se sugeria que fosse feito uma campo de futebol para o povoado, então passava a se pensar nisso também. O agente de saúde recebia um caixa de remédio, só para os casos de urgência e de necessidade que houvesse.

Então como eu falei era uma relação de líder, de cada líder. Então nos fomos procurar aqui em Tefé quais eram os órgãos que podiam nos apoiar. Por exemplo, o agente de saúde com o hospital São Miguel através da irmã Adonai. Para o esporte nos pegamos técnicos daqui de Tefé na ocasião era o Hamilton (já faleceu). E da comunidade, da escola o que se tem para fazer lá, a comunidade deve fazer uma casa comunitária, então vamos fazer uma casa comunitária, vamos ajudar. E assim cada órgão desses foi aparecendo, e depois para mostrar que cada cidadão tenha seus documentos, mas nos não podíamos trazer todos para cá, então levamos lá o promotor de justiça o ministério publico foi para lá, e passou a dar assistência.

E depois que todas essas pessoas estavam mentalizadas que deviam modificar, e viam que não tinha farinha e só o peixe mesmo, então no caso da agricultura nos levamos a Emater. A Emater ensinava como se planta uma roca de mandioca, de banana e as hortaliças, e levava também as sementes, eles ficavam andando todo tempo lá (essa era a atividade do MEB). Outro que também estava presente lá era o projeto Rondon;

veio mais tarde, e eles tinham muita gente lá, tinham para-médicos, tinha outros professores então iam fazer palestras lá.

### Os monitores tinham autonomia?

Tinha a professora locutora que, por exemplo, falava sobre sílabas e uma palavra: “banana” escreve ai no quadro, mas separado por pedaço (agente chamava sílaba de pedaço) BA-NA-NA. Agora veja como essas palavras ai formam famílias, família do BA, qual é que vem a outra BE, isso tudo soletrado bem devargazinho.

Agora você desenvolva a parte de educação moral e cívica, ensine ai os cantos..., e o respeito à família também, essa era a segunda parte da aula, que era acompanhada pela professora também. Ensinava como se relacionar com a família dele, o valor do município, os hinos patrióticos, como o hino à bandeira, o hino nacional e outros. Ensinava também as datas cívicas; sábado geralmente era um dos dias que eles paravam para isso.

### Sua função no MEB?

Somente coordenador.

### Qual função e as atividades desenvolvidas pelo coordenador do MEB?

Coordenador coordenava, do verbo coordenar, agente organizava o pessoal para trabalhar. Mas no nosso caso era o seguinte: formávamos uma equipe (você trabalha no escritório, estão sentadas dez pessoas lá, mas cada um independente; isso não forma uma equipe). Nossa equipe não, sentávamos cada vez cada dia mais ou menos umas dez horas, puxava as cadeiras e vamos conversar aqui, agente ia conversar em equipe, trocar idéia, tudo era discutido em equipe, não tinha briga, não tinha confusão.

Quando chegava o assessor da viagem, o supervisor, ele fazia o relatório dele, falar do aproveitamento dos alunos. Tudo aquilo unia a equipe; qualquer coisa, estávamos fazendo festinha juntos, tinha aquele laço de amizade, sabe!

### Como eram realizadas as atividades metodológica do MEB, antes e depois da ditadura militar?

Usamos o método do Paulo Freire. O Paulo Freire foi o seguinte exatamente para arrebrantar a opressão... Nosso princípio era que o cidadão, para que ele descobrisse que ele também julgando e agindo soubesse sair daquela situação de domínio que eles estavam, qual é a estrutura que eles estavam? Estavam com a de pobreza, de opressão pelo patrão, dominado. E devia não com a luta, como se dava no Nordeste... pela consciência, que é isso... que era capaz, era essa, era a promoção humana do cidadão, por isso que houve, todas essas pessoas que colaboraram com o MEB (Banco do Brasil, financiou também, muitas, presidente do Banco do Brasil), a religião determinou, era líder, mas era orientado mais era o católico...

Tudo isso era exatamente para isso, para fazer conscientizar, isso é conscientizar, politizar, mentalizando a pessoa para ele despertar para sua realidade. Isso nós conseguimos o MEB conseguiu...isso ai ao longo dessa situação.

A agricultura, já visto, que era o único recurso do município, não era a borracha, não era a pescaria de pirarucu, não era a castanha, mas sim a farinha. Foi incentivada nesse período do MEB, primeiro a ACAR e depois a EMATER, pois eles nos apoiavam nessa parte. Mas era uma coisa que o caboclo tinha que fazer, e também tirar seu título de terra, legalizando.

[Alem da agricultura que outras atividades que não existiam que passaram a existir com o incentivo do MEB?](#)

Na área de esportes, artesanato nós fizemos também, o artesanato já tinha desaparecido. Duas pessoas daqui da comunidade de Tefé, o Armando, Armando Gonçalves..e a professora Margarida aqui do Turé. Alguns trabalhavam com cerâmica, outros com talas e madeira. Então pegamos esses dois, treinamos e vocês vão ensinar os nossos monitores de artesanato. Um de cerâmica e o outro de talas de madeira. E com isso conseguimos devolver, o que já tinha desaparecido, porque era mais fácil comprar uma peneira ou uma bacia de plástico do que fazer. É muito fácil você pegar e levar;é até barato... Mas você devia voltar a sua origem;, acontece que antigamente era assim todo mundo usava .panela de barro, vasilha de barro, pote e tudo isso tinha desaparecido. Isso era uma das matérias junto do MEB, a outra era Esporte, o esporte envolvia toda a comunidade. Chegou de uma tal maneira preparar o esporte que houve os campeonatos intermunicipais, primeiro o inter-comunitário, uma comunidade contra a outra e depois intermunicipais e trouxemos de Manaus os times para...nesse campo que fixaram...Outro também foi o folclore a cultura popular, nos conseguimos no tempo no período do folclore nos trouxemos para cá 80 ou 120 cordões de folclore do interior e daqui da cidade, primeira vez foi 1964 até em 1967, por ai ainda era assim. A praça de apresentação era a praça da igreja. Nós fizemos também o dia da festa de Tefé, não era celebrado, tinha no documento mas não era celebrado, então nos fomos a prefeitura, eu fui lá com o supervisor, fomos lá....

Não influenciou porque nos pregávamos que eles saíssem daquela forma de dominação que eles tinham, e nos não dissemos a eles vamos à luta! Nós dizíamos: Você tem valor, você é capaz de transformar isso ai, se você não mudar não tem valor nenhum, você que decide mudar. Disto o patrão não gostava. Fomos expulsos muitas vezes por causa disso, dessa pregação dessa maneira, porque eles achavam que estamos quebrando a estrutura da dominação deles.

Quando eles vieram aqui, passaram aqui, acho que eram os fiscais que vinham de lá, e eles pediam os livros do MEB, verificavam, perguntavam, isso aqui o quê que era isso aqui? Verificavam as pessoas e depois ficavam ai, e muitas vezes iam nas localidades do interior mas ninguém tava insuflando. O Método de Paulo Freire era exatamente de conjugar é bonito para ler, para estudar de...tinhas outras maneiras de se libertar por si mesmo....Por isso é que não houve conflito. Eles não interferiram em nenhuma atividade. Uma vez eles vieram aqui e pediram para ir no Uarini, na ocasião tudo era parte do município de Tefé, lá era uma aldeia, chegamos lá ai eles saíram, chegavam no povoado para colher o que nos fazíamos lá.

[As cartilhas eram produzidas pelo MEB nacional ou pelo MEB estadual?](#)

Produzidas pelo Nacional, mas nós fizemos a cartilha e para isso pesquisamos o nosso universo vocabular. Nos não sabíamos se podia ou não podia, mas tinha que falar do universo real. O MEB de Manaus (estadual), não intervinha em nada, era a dona Marina, uma mulher muito fraca.... Às vezes nos éramos chamados para fazer exposição em Belém e no Rio de Janeiro para esses outros “MEBs” (eu, Augusto Cabrolié, Helena). quantos vezes não fomos... Maracanã, Canecão.

Os professores locutores todos tinham formação de professores?

Eram professores mesmo.

E os monitores?

Eram treinados para exercer o cargo de professor. Nós chamávamos de monitor, mas na verdade era o professor rural. Com a continuação do MEB, primeiro nos atingimos o município de Tefé, e depois nos atingimos o que é agora o município de Fonte Boa e Jutai então pra lá e depois o Carauari. Lá nós colocamos gente que levamos daqui para formar outro centro, outra equipe de MEB.

Comunicamos ao MEB Nacional, eles vieram treinar outro pessoal no com os mesmos elementos (motoristas, supervisores), por exemplo lá não tinha locutores. Recebiam da radio daqui. O MEB de Carauari foi fundado em 1972 (?) e para este local foi mandado o senhor Francisco Costa. Fundamos Carauari; logo em seguida perto de 1976 foi fundado em Fonte Boa, um outro centro, foi o Francisco Pereira que foi para lá, ele veio de lá estudar no treinamento e depois acabou sendo o Prefeito do interior. Se aproveitaram do cargo. Por isso que perguntei sobre esse quesito da política, porque nós éramos proibidos de fazer política. Por que esses que foram para lá todos dois se elegeram. O Chico Costa é atualmente prefeito de Carauari.

Eles foram para lá fazer o trabalho daqui, mas traziam as informações e o aproveitamento tudo para cá. Nessas aulas aqui que nos falamos em cercas épocas do ano, assim mês de novembro era feita a avaliação do aproveitamento dos alunos, em termos de aula. Da comunidade ninguém fazia avaliação, agente lá e conversava ia vendo a evolução deles também, mas da aula agente ia lá para verificar o aprendizado.

O MEB atuou na cidade de Tefé?

Atuamos na cidade de Tefé. Cheguei aqui só havia um grupo social, não havia essas coisas de levar mulher pra motel. O meio social era o Humaitá, nos vamos colocar presidente do Humaitá aqui dentro. Então eu chamei o Januário: você vai ser presidente. Ele tinha até carteira do Humaitá. Vamos lá na eleição, vou lhe apresentar na eleição você vai ser candidato, para dominar essa cidade. O futebol já estava na nossa mão, folclore já estava na nossa mão, estava tudo na nossa mão. O Januário era encarregado do futebol, ele coordenava o futebol, os torneios e campeonatos. E depois fomos lá e eu falei nos estamos aqui e o professor Januário é preparado e eu sou membro da sociedade e apresento como candidato, vocês votem nele, porque tenho todo apoio da rádio educação.

As escolas do MEB existiam na cidade de Tefé?

As escolas eram só para o meio rural.



### Qual era a idade mínima dos alunos?

A idade mínima dos alunos era essa de jovens 12, 13 anos. Foi depois que nos colocamos, porque não tinha escola. Essas escolas municipais todas elas não existiam. Porque nos queríamos sempre o monitor nas localidades, mesmo que estrutura que haja pouca estrutura, porque ele permanece todo tempo na localidade. Enquanto que o professor do município, a escola tá lá tem 47 escolas no município, não vai um supervisor uma vez lá, como é que eles vão saber do aproveitamento das escolas se elas estão funcionando. E nós não; a prova disso é que de 15 em 15 dias o motor estava lá no porto fazendo a fiscalização. Fiscalização mesmo, e primeiro não ia lá com o monitor não ia primeiro com a comunidade falando com todo pessoal, de noite nos apresentávamos às questões lá mesmo na casa comunitária para todo mundo avaliar.

Era visita, perguntando quais são os problemas, quais os serviços comunitários estabelecidos, a escola está funcionando, teve briga, chamamos os líderes todos para a reunião, aí agente fazia a reunião, e a avaliação.

A faixa etária da maioria era de alunos mais velhos, mais adultos. Depois eu falei com o MEB nacional para colocar para os meninos, mas não consegui.

### O senhor lembra quem era o responsável pelo ensino primário das comunidades?

Teve uma escola do município que foi criada pelo MEB, simplesmente pelo MEB e passou a funcionar. O MEB não pagava eram todos voluntários, no início todos eram voluntários, exceto os da prefeitura. Depois todo mundo passou a ser professores.

Tem uma coisa que nos esquecemos. É que para poder ter um trabalho organizado na comunidade, era preciso ter um corpo que dirigisse, não pode haver um corpo sem cabeça. Então nos sugerimos criar uma diretoria, algumas localidades já tinham criado espontaneamente. Então, lá na equipe do MEB, criamos o estatuto para cada localidade, estatuto simples, representando a comunidade que era composta por presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro. Para que essa diretoria, e para ela representar a comunidade diante da secretaria de ação comunitária na prefeitura. Ao invés de estar batendo na porta sem saber com quem falar, já vinha lá da secretaria, representava lá, fica lá sua comunidade registrada. As reivindicações que eles faziam já tinham através daquela secretaria. Foi outra parte que o MEB atuou na cidade, mas nosso trabalho não era na cidade.

### Na sua concepção o MEB diminuiu o índice de analfabetismo?

Diminuiu, acho que quase na totalidade, não assim para formar pessoas que passassem a ler e escrever corretamente, mas para ter uma noção forte de leitura. E dessas escolas aí, parte deles saíram para continuar os estudos aqui em Tefé, e se tornaram depois catedráticos aqui, o professor Luzivaldo foi um deles, ele foi aluno de uma escolinha. Outro foi o professor Virgílio que estudou no interior se formou e veio para a cidade, e outros aí que vieram.

Bom, então essa parte, qual a mentalidade de formação, eles iam ficando adultos eles iam estudando, da forma mais simples e depois valeu, o pessoal aprendeu e criou outra mentalidade.

Quando o MEB esteve no auge do seu serviço, com a repercussão muito grande no interior, aconteceu um fato que o MEB apoiou e nos participamos efetivamente. Em

1968, 1969 até 1970 que deram grandes enchentes; eu falei a vocês do pessoal não tinha agricultura viviam do extrativismo, a borracha, a castanha e o pirarucu foram desvalorizados. A borracha foi desvalorizada porque é mais prejuízo tirar a borracha no mato, a castanha não se produzia, a pesca do pirarucu foi proibida, caça e pesca também foram proibidas. Ia se viver de quê se o caboclo não sabia fazer roça, uma situação difícil, e agora os produtos nativos não tinham mais valia.

Eles emigraram, grande numero da população emigrou, os terrenos perderam o valor, os patrões que pressionavam por terreno não podiam mais. Não tinha mais terreno tudo era posse, o IDRA veio e derrubou tudo. Destruiu a consciência dos dominadores.

Pois bem, eles vieram, e quando faltou todos os recursos, a roça morreu, um bocado da roça de várzea morreu, e eles vieram para Tefé, migraram, foi o êxodo rural (1968, 1969 e 1970).

Já não era mais trabalhador de agricultura, de borracha, de castanha, de nada, mas patrão só deixava sair se ele deixasse a canoa, deixasse a maquina de costura, como ele tivesse o fogão, só levava os filhos e a mulher mais nada. Assim mesmo eles faziam jangadas, de toras de madeira com cipós e vieram se arrastando pelas costas até chegar em Tefé, em tempo de morrerem afogado. E aqui na ocasião tinha um prefeito muito bom, que interessou e se juntou comigo, que se dava muito comigo, e nos fomos mostrar os terrenos para fazer os bairros. E imediatamente disse para ele “rapaz você não pode deixar esse pessoal aqui”. Esses bairros de Santo Antônio, Monte Castelo, não existia, a cidade ia até aqui, na Monteiro de Souza.

Maquinas e homens abriram as ruas e davam o terreno para a família. E colocava um encarregado da mão-de-obra para fazer, foi feito ainda daquele mandato dele, Monte Castelo, Santo Antonio, Juruá, uns quatro bairros, e Olaria também (prefeito Armando Reto). Nós queríamos fixar o homem, mas a situação do ambiente era tão hostil que não tinha condições, até a terra e a natureza foi contra eles. Teve a enchente. Nós os apoiamos aqui na cidade.

### Qual a relação entre MEB e MOBRAL?

A metodologia e a filosofia do MOBRAL era diferente, era só alfabetizar adultos. “ALFABETIZAR” e não conscientizar; não fazia promoção nenhuma e com muito material didático. Mas MEB e MOBRAL não teve ligação, durante os anos que trabalhou. O monitor ficava lá e dava aula também, como supletivo. Então não tinha ligação nenhuma e não existia interesse.

### Além das cartilhas existia outro material didático?

Nós tínhamos só o rádio, que falava toda hora, mentalizando eles, de esporte saúde; era um instrumento. Vale a pena ressaltar a presença do rádio.

### Fale sobre a importância do rádio...

Olha sem o rádio o MEB ano teria alcançado nem a metade do que alcançou, foi o rádio, a força do rádio que conseguiu penetrar na massa esquecida, de difícil acesso. Todo mundo participou, mesmo aqueles caboclozinhos morador debaixo daquelas arvores. Agente ia lá e conversava com ele e olha rapaz, o rádio aqui e deixava lá. Mas fundamos escola não, era só um contato. O rádio só era cativo e só podia ser dado para o monitor.

### Projeto político-pedagógico existia?

Se for trabalho comunitário, nós tínhamos até demais, era tudo com a comunidade, o centro nosso era a comunidade. Era fazer com que o homem saísse daquela situação, ninguém chamava comunidade, chamava de povoado, a partir do MEB tudo como comunidade. Organizávamos as comunidades, todas elas. E recebeu ajuda da prefeitura também, agora comunidade recebe poço d'água artesiano e motor de luz, mais as canoas para conduzir os alunos.

### Durante esse tempo que o senhor passou o objetivo do MEB modificou?

Passei 13 anos no MEB, durante esses 13 não mudou; foram sempre os mesmos objetivos: ver, julgar e agir; via como fazer, julgava, avaliava, e depois passava para a escola e para os trabalhos na comunidade. Como ninguém podia fazer tudo isso sozinho, nos recorriamos às parcerias pra fazer e atingiu até Fonte Boa e Caruari, toda essa área tudo era Tefé.

### De forma geral como o senhor avalia o MEB?

Eu acho que o MEB, durante esse anos que esteve comigo, durante todo esse tempo, modificou a mentalidade da população do interior, criou outra mentalidade... Não pode mas viver subjugado, no toco do "talonário" como se dizia antigamente, ele não aceita mais isso, passasse ver ele como pessoa humana que ele é. Transformou a mentalidade deles, aprenderam a operar, faziam empréstimo no banco. Levamos o promotor de justiça: ensinar quais são os documentos da família, não tinham documento tudo era posse.

E aqueles que tiveram condições de se aproveitar mais do conteúdo da aula saíram de lá...

O diretor da universidade (UFJF) que me ajudou a fazer a data comemoração, a apresentação, a rainha de Tefé...

### Porque o senhor saiu do MEB?

Eu sai do MEB, eu Protásio, porque em 1976 o MEB Nacional suspendeu a verba de manutenção, que compreendia as viagens para o interior e também na compra de material do escritório, ficou só o pagamento dos funcionários. Em 1977 entrei para Câmara, e sai do MEB no mês de maio; quando eu sai entrou a Dirce.

Quem demitia não era bispo, era o Nacional, mas para precisar de funcionários era comunicado ao bispo, que avaliava o histórico.